

PARA QUEM TEM MEDO DO ESCURO:

MIA COUTO E O LADO DE LÁ DA “NOITIDÃO”*

Cíntia Machado de Campos Almeida

Professora da Secretaria Estadual de Educação/RJ

cintiamachado@ufrrj.br

Para quem tem medo do escuro: Mia Couto e o lado de lá da “noitidão”

Mia Couto, um dos mais renomados escritores de Língua Portuguesa da contemporaneidade. Análise crítica sobre a moderna literatura moçambicana considerada “literatura infantil”. A visão crítica da produção literária de Mia Couto destinada às crianças. Proposta de leitura para o livro *O gato e o escuro*, de Mia Couto. A curiosidade e o desejo pelo conhecimento como chaves narrativas. A reinvenção do escuro, lugar propício à ambientação do medo. A necessária mudança de perspectiva mediante um conflito. A inversão do olhar da temática do medo, tão recorrente e opressora no universo literário infantil. Considerações acerca da História do medo no ocidente, baseadas na obra teórica homônima de Jean Delumeau. A escrita híbrida de Mia Couto como um ponto de convergência entre prosa e poesia. O estilo miacoutiano: práticas de neologismo e jogos de plurissignificações. O diálogo estabelecido entre o texto literário e o texto imagético. Danuta Wojciechowska, premiada artista plástica canadense, autora das ilustrações que compõem *O gato e o escuro*. Mia Couto e o exemplo de literatura universalizada para todas as idades. Questionamentos acerca das restrições e da validade da rotulação etária atribuída ao gênero da literatura infantil pelo mercado editorial.

Palavras-chave: Literatura infantil moçambicana. *O gato e o escuro*. Mia Couto.

For those who fear the dark: Mia Couto and the concept of “beyond the dark night”

Mia Couto, a renowned contemporary Portuguese writer. Critical analysis of modern Mozambiquean literature, specifically of “children’s literature”. A critical review of Mia Couto’s literary production intended for children. A reading experience of “*O gato e o escuro*”, by Mia Couto. Curiosity and desire of knowledge as narrative keys. The reinvention of the dark, a place prone to the ambience of fear. The necessary change of perspective through conflict. Changing our views about the recurring and oppressive theme of fear in children’s literature. Considerations about the history of fear in the West, based on the homonymous theoretical work by Jean Delumeau. The hybrid writing of Mia Couto as a point of convergence between poetry and prose. Miacoutian style: practices of neologism and games of multi-signification. The established dialog between the literary text and the imagetic text. Danuta Wojciechowska, awarded Canadian artist, author of the pictures which illustrate “*O gato e o escuro*”. Mia Couto and the example of universal literature, intended for all ages. Questioning the limitations and the validity of classification by age as regards the genre of children’s literature by the editorial market.

Key words: Mozambiquean children’s literature. *O gato e o escuro*. Mia Couto.

Um dos escritores mais renomados de Moçambique, além de um importante nome para a Literatura de Língua Portuguesa, António Emílio Leite Couto nasceu na cidade da Beira, capital da província moçambicana de [Sofala](#), em [1955](#). Recebeu ainda cedo a alcunha de “Mia” do irmão caçula que, na inocente impossibilidade de pronunciar “Emílio”, não fazia idéia de que renomeava, assim, seu irmão. Segundo inúmeros depoimentos do autor, mais que um chamamento íntimo entre os familiares, o que era um simples apelido foi definitivamente adotado como assinatura literária devido ao fascínio que Mia sempre demonstrou pelos *gatos*. Desde pequeno dizia à sua família que queria ser como um desses felinos! Assim entendemos um dos

motivos que levou o escritor a eleger o protagonista de *O gato e o escuro* (Lisboa: Caminho, 2001), obra que marca oficialmente a estréia de Mia Couto na produção literária para crianças (sem jamais deixar de maravilhar igualmente os adultos!).



E
ssa é a
história
de

Pintalgato, um bichano que gostava de passear à borda da linha que divide o dia da noite, à feição de um artista mambembe sobre a corda bamba. Sua mãe advertia-o incessantemente para que nunca atravessasse a luz para o lado de lá. Temia a gata que seu filhote *passasse além do pôr de algum Sol* (COUTO, 2001, p.6).

Pintalgato, amarelo às *malhas* e às *pintas* (idem, p. 1), tornou-se negro, como que mergulhado na noite, por efeito de um susto. Essa *trespassagem de claro para escuro* (ibidem) motivou o enredo da obra.

Não seria Pintalgato o primeiro filho captado pela literatura cuja história se desenrola a partir de um ato de desobediência. Demasiadamente curioso, como um típico gato – e como um típico filho! – apenas espreitava o tão

mencionado *lado de lá*, quando perdera suas pintas na medida em que sua cor apagara-se com um susto. Passara *mesmo todo inteiro para o lado de além da claridade* (idem, p.11) e metera-se noite adentro.

Inserido na *noitidão* (ibidem), primeiro temera o castigo. Mas ao *despersianar* os olhos (idem, p. 12), seu medo mirou outra razão: em meio ao escuro, deparou-se consigo, um gato em estado de breu. Percebeu Pintalgato que já não conseguia ver a si próprio e temeu novamente. Dessa vez, pensara que não mais regressaria a sua “amarelez” original.

Abandonado à mingua da escuridão, os olhos de gato choraram. E assim, descobrira que não estava só, ali morava o escuro, entristecido, porém consolador: *Eu é que devia chorar porque olho tudo e não vejo nada* (COUTO, 2001, p. 14), lamentou o sombrio. Para além daquela cegueira, não poderia ser feliz sabendo que sempre causava temor a todos e que jamais teria um lugar junto ao arco-íris.

Mais uma vez, a curiosidade fizera Pintalgato exceder o medo: já não poderia fugir do escuro uma vez que estava *dentro* dele! Resolvera, assim, abrir seus olhos – olhos de gato, propícios a *ver* e a saber, conhecer - apesar da ausência de luminosidade.

Não julgamos arbitrária a eleição de um gato pelo autor para protagonizar a história, visto que a *curiosidade* é estabelecida essencialmente como sua grande marca. Embora a figura do gato sintetize uma simbologia bastante heterogênea, diríamos até antagônica, optamos por uma leitura simbólica em que o mesmo animal conota significações benéficas. Nosso encaminhamento se justifica não somente pela declarada simpatia de Mia Couto por gatos, mas, principalmente, pela própria constituição da personagem de Pintalgato. Na qualidade de um animal favorável, o felino simboliza a sagacidade, a reflexão e a engenhosidade. A ele também se associa o dom da *clarividência*. Segundo Chevalier e Gheerbrant, *ele é observador, malicioso e ponderado, alcançando sempre seus fins* (2001, p. 463).

O escuro, presente desde cedo no imaginário infantil como um espaço reservado, por excelência, ao medo, ganha ares de “bom moço” e se configura,

através da voz narrativa, numa personagem dotada de sensibilidade que não precisamos temer:

Sim, o escuro, coitado. Que vida a dele, sempre afastado da luz! Não era de sentir pena? Por exemplo, ele se entristecia de não enxergar os lindos olhos do bichano. Nem os seus mesmos ele distinguia, olhos pretos em corpo negro. Nada, nem cauda nem o arco tenso das costas. Nada sobrava de sua anterior gateza. E o escuro, triste, desabou em lágrimas (COUTO, 2001, p. 14).

Mia Couto, firme em seu propósito de jamais desvencilhar os homens de suas verdadeiras responsabilidades, fizera Pintalgato entender que *o escuro só existe é dentro de nós* (idem, p. 16). Assim, não era o escuro que metia medo: *somos nós que enchemos o escuro com nossos medos* (ibidem). Uma vez compreendido, o escuro reluziu e “arco-iriscou”.

Mamãe gata, obstinada em resgatar sua cria, levava a claridade aos domínios da negridão. Ao regressar para a luz, além de seu Pintalgatito, trouxera ela em sua companhia, na condição de adotado, o escuro, que agora também era um gato... até que nosso protagonista acordasse e percebesse que todo o enredo não passava de um sonho!

Jean Delumeau, com o seu *História do medo no ocidente* (cf. bibliografia), dedicou-se a quebrar o delongado silêncio observado sobre o papel do medo na História. Segundo o historiador, além de embutir uma carga excessiva de “vergonha” e “baixeza”, em torno da palavra *medo* também gravita a idéia de “covardia”. *O gato e o escuro* nos oferece, como exemplo desse equívoco, seu protagonista.

Pintalgato, figura animal, porém personificada, sente medo. À luz de Delumeau, eis um fenômeno natural inerente à sapiente espécie: [...] *o homem é por excelência “o ser que tem medo”*. No mesmo sentido, Sartre escreve: *“todos os homens têm medo. Todos. Aquele que não tem medo não é normal, isso nada tem a ver com a coragem”* (DELUMEAU, 1989, p. 19).

Mia Couto perverte a significância do medo, atitude não menos propícia a uma obra dedicada também às crianças. Ao invés de desempenhar o papel

esperado de agente inibidor, o medo desenrola o desejo de conhecimento da personagem, aguçando a curiosidade. Ao contrário da angústia, como mesmo postulou o estudo de Delumeau, *o medo tem um objetivo determinado ao qual se pode fazer frente* (idem, p. 25). Assim, sem esquivez, a curiosidade de Pintalgato assume um posicionamento descobridor ao promover uma mudança de perspectiva do desconhecido. Deste modo, podemos afirmar que o medo não se extingue, uma vez que seja uma experimentação natural: antes, ele se *transmuta*. Assim, o grande desafio deixado pela obra à feição de mensagem é *a busca pelo conhecimento*.

Embora seja também este livro o primeiro mergulho do autor na literatura infantil, mantém-se ele fiel ao seu estilo característico de estabelecer “brincadeiras” lexicais e jogos de plurissignificação, inundando-nos com uma imensidão de neologismos, uma prática típica da textualidade miacoutiana. Em vista dessa liberdade de construção literária, propensa mais ao voo poético do que ao caminhar da prosa, questionamos: seria *O gato e o escuro* um conto ou um poema?

No texto *A casa do sonho*, Mia Couto nos diz que [...] *essa fronteira entre poesia e prosa foi inventada por alguém que, certamente, não era escritor* (COUTO, 2002, p. 1). O motivo dessa opinião é justificado por sua própria forma de escrita.

Quando a prosa espelha imagens poéticas por meio de seus sintagmas, torna-se incontestável sua aproximação à poesia, uma vez que sua mensagem incorpora procedimentos próprios da função poética da linguagem. Nesse sentido, aceitamos a instituição do que chamaremos de *prosa poética*. Em se tratando do conjunto das obras assinadas por Mia Couto, podemos afirmar que não foi a prosa que se entremeou pelas sinuosidades da poesia: ao contrário; a poesia arriscou espiralar a linearidade das linhas prosísticas. *Sou um poeta que conta histórias* (COUTO, in: www.circuloleitores.pt. Cf. bibliografia), definiu a si próprio o artista.

A essa escrita híbrida que, embora figure a *mancha gráfica da prosa* (MARTINS, 2005, p. 138), encerra a *melodia da poesia* (ibidem), Celina Martins concedeu, convenientemente, o nome de *proesia*.

Walter Benjamin nos ensinou que as imagens de uma obra infantil congregam semelhante importância ao texto literário. Para o teórico, a *imperiosa exigência de descrever, contida nessas imagens, estimula na criança a palavra. Mas, assim como ela **descreve** com palavras essas imagens, ela **escreve** nelas. Ela penetra nas imagens* (BENJAMIN, 1984, p. 241).

Já que a *imagem colorida faz a fantasia infantil mergulhar, sonhadoramente, em si mesma* (ibidem), a contribuição de *O gato e o escuro* para esse mergulho não se esgota no texto “proético” de Mia Couto. Estende-se também ao texto pictórico, assinado por Danuta Wojciechowska.

Canadense, radicada em Lisboa desde 1984, a artista plástica, licenciada em Design de Comunicação pela Universidade de Zurique, e pós-graduada em Educação na Inglaterra, dedica-se à ilustração e à cenografia. Em 2003, recebeu o Prêmio Nacional de Ilustração em Portugal e foi a candidata lusa ao Prêmio Hans Christian Andersen, em 2004.

A concepção gráfica do projeto de *O gato e o escuro*, sua primeira parceria com Mia Couto, não fora gratuita: Danuta idealizara o formato, as tonalidades e a mancha de texto a fim de criar um objeto que proporcionasse uma sensação tátil prazerosa para mãos pequeninas, sem dispensar uma linguagem visual sedutora. A afetividade da criança para com o livro é, aliás, uma de suas principais preocupações como ilustradora.

Ao contrário de Mia, Wojciechowska já não era uma estreante no universo literário infantil. Contudo, a experiência obtida pela artista em *O gato e o escuro* significou conhecer um inovador espaço criativo:

Gostei imensamente da poesia da linguagem e do modo muito aberto e abrangente de abordar os vários conteúdos existentes na história, como a questão da desobediência, que nessa história leva à descoberta. É tão necessário e importante cultivar a experiência própria na aprendizagem (WOJCIECHOWSKA, in: PIMENTA, 2003, p.1)

Embora lançada em 2001, a história de Pintalgato “engavetava-se” na escrivaninha do escritor moçambicano há algum tempo. Interessada na publicação, a editora lisboeta Caminho consultou a ilustradora a fim de sondar a possibilidade de aquele enredo transformar-se num livro literário destinado às crianças. Rememora Danuta Wojciechowska que lera a história para cada um de seus filhos individualmente: *Qualquer um deles achava que podia ser tanto [uma obra] para pais como para filhos, ou mesmo para os filhos com os pais* (ibidem).

A não-restrinção da literatura miacoutiana a apenas uma faixa etária comprova o fascínio universal de sua produção, capaz de fundir o “mundo” dos adultos ao “mundo” das crianças. E estaria ela, Danuta Wojciechowska, participando dessa mesma magia criante e unificadora.

O primeiro contato do autor com as ilustrações que complementariam sua *proesia* deixaram-no na dúvida de quem, afinal, estaria contando a história.

Como, geralmente, o autor de literatura infantil não é criança e escreve para criança, a ausência de correspondência entre autor e leitor gera indagações [...], apontou Lígia Cademartori. Contudo, nos ensinou Bachelard que *uma infância potencial habita em nós* (1988, pp. 95-96). Daí a facilidade de *comunicação entre um poeta da infância e seu leitor, por intermédio da infância que dura em nós* (ibidem).

Em entrevista ao *circuloleitores* - um site português voltado para discussões literárias - Mia Couto leva-nos a compreender sua habilidade para alcançar também os pequeninos. Filho de poeta, também foi ele um criador de histórias ainda durante a infância. Sabe contar *para* os miúdos porque já contava *enquanto* miúdo. Ouçamos suas memórias e revivamos, através do testemunho de Mia, a experimentação de sua primeira criação literária:

Tinha cinco anos e os meus pais gravaram num desses aparelhos de fita. A história era a de um leão que atacava pessoas e que se curavam graças a um remédio que inventavam chamado intellentismo.

Recordo-me que, nessa altura, usei palavras que nem eu nem meus pais conheciam. Como essa de intelentismo. O final do relato eles perguntavam-me, e isso está gravado também, onde eu havia escutado tais palavras. E eu respondia que era inglês mas que ninguém, nem os ingleses, sabiam o que queriam dizer tais palavras. (COUTO, in: www.circuloleitores.pt. Cf. *bibliografia*. Grifo nosso)

Inaugurava-se assim não apenas um dom de neologista, como também a marca crítica “intelentista” que assinalaria para sempre sua produção literária. *A criança tem a vantagem de estreitar o mundo, iniciando outro matrimônio entre as coisas e os nomes* (COUTO, 1991, p. 21), decretaria o mesmo autor, anos mais tarde, em um de seus contos de *Cronicando*.

A obra que discutimos neste artigo é julgada pelo mercado editorial como pertencente ao gênero “literatura infantil”. O formato do livro e a produção de suas ilustrações colaboraram para essa primeira classificação.

É inegável que a pesquisa acadêmica no campo das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa se desenvolveu consideravelmente após o advento das independências políticas de seus respectivos países. Embora não seja recente o interesse por essa área de estudos, a situação pós-colonial estimulou a pesquisa e a crítica, e permitiu a instituição de disciplinas específicas nos currículos acadêmicos. A “literatura ultramarina” de outrora recebera novas designações e desmembrou-se em cinco literaturas nacionais distintas. A possibilidade de legitimar um espaço diferencial das literaturas africanas de língua oficial portuguesa em relação às literaturas européias acarretou certa “corrida” editorial, capaz de explicar a necessidade de se oferecer ao mercado um vasto número de títulos publicados sob os mais diversificados gêneros literários.

Esse fato nos leva à reflexão de uma questão já bastante discutida, embora ainda não concluída e um tanto polêmica: a instituição da literatura infantil como gênero literário. Para refletirmos acerca da existência de uma produção literária moçambicana voltada às crianças, caberia aqui citar a oportuna opinião de Drummond, expressa em suas *Confissões de Minas*:

O gênero literatura infantil tem, a meu ver, existência duvidosa.

Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de se constituir alimento para o espírito da criança ou jovem e se dirige ao espírito adulto? Qual o bom livro de viagens ou aventuras destinado a adultos, em linguagem simples e isento de matéria de escândalo, que não agrade à criança?

[...] Será a criança um ser à parte, estranho ao homem, e reclamando uma literatura também à parte, ou será a literatura infantil algo de mutilado, de reduzido e desvitalizado, porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação da infância é a própria infância? (ANDRADE, 1944, p. 27)

Puxemos um pedacinho do fio dessa meada deixada pelo poeta itabirano e lancemos a provocação: o que faz com que *O gato e o escuro* integre o gênero “literatura infantil”? Se a obra compreende ou não de um texto que possa ser catalogado como “literatura infantil”, essa é uma outra estória... Adentrar neste questionamento seria inaugurar aqui uma outra “noitidão” na qual, por questões de espaço, não poderemos, por hora, nos aventurar...

Infelizmente, não encontramos quaisquer comentários do autor que confirmasse ou questionasse a essência dessa obra como pertencente a tal gênero literário. No entanto, Mia Couto, em entrevista a Sérgio Vale, jornalista da revista brasileira *Discutindo Literatura*, uma vez interpelado acerca da existência de uma literatura tipicamente africana, pareceria contrário a rotulações limitativas:

Não sei exatamente o que seria uma literatura tipicamente africana. O escritor africano, ao contrário do europeu ou do americano, precisava quase sempre prestar provas de autenticidade. Havia quase um olhar de que aquilo seria um artesanato e não uma arte que se pretendesse universal, fora de seu tempo e lugar. A necessidade de pertencer a um contexto histórico e étnico prejudicou em muito a dinâmica da literatura africana. Mas hoje há autores que vão além dessa limitação e estão fazendo literatura. Ponto final. Não tem que ser literatura africana ou tipicamente qualquer coisa (COUTO, in: VALE, 2008, p.13. Grifo nosso).

Baseando-nos na opinião do autor, questionamos: seria também ele contrário à rotulação de uma “Literatura Infantil”? Presumimos...

Contudo, mesmo que acatemos a essa catalogação oferecida pelo mercado editorial, podemos ainda afirmar que *O gato e o escuro*, como metonímia de uma produção literária infantil moçambicana, serve-nos de exemplo comprobatório de que escrever para crianças não necessariamente significa *incorrer no dirigismo, no moralismo, na pieguice, na inconseqüência ou em qualquer cilada nascida da confusão entre infantil e primário* (CADEMARTORI, 2006, p. 62).

Concluimos, assim, que a produção literária moçambicana destinada, *a priori*, para crianças possui uma capacidade de enredamento que não se restringe ao público dito infantil. Em *O gato e o escuro*, nos certificamos da inviabilidade de pré-estabelecer para essa literatura um grupo específico de leitores pautando-nos apenas pela idade cronológica, visto que tanto adultos quanto crianças têm plenamente garantidas suas condições de receptores literários.

Preferimos a certeza de que *O gato e o escuro*, assim como toda a literatura considerada “infantil” é, antes de mais nada, LITERATURA. A amplitude significativa desta palavra define, por si só, a natureza de seu texto, seja ele direcionado “para gente crescida” ou não: propicia variadas percepções do mundo, oferece-nos alternativas de emancipação através de inovadoras possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais, contribui para a constante – e necessária – reformulação de conceitos, promove a autonomia do pensamento e, principalmente, *extravasa limites e abre caminhos*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Confissões de Minas*. Rio de Janeiro: América Editora, 1944.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CADEMARTORI, Lúcia. *O que é literatura infantil?* São Paulo: Brasiliense, 2006.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

COUTO, Mia. *Cronicando*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

_____. *O gato e o escuro*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

_____. “Sou um poeta que conta histórias”. Entrevista disponível em: http://www.circuloleitores.pt/cl/artigofree.asp?cod_artigo=68379. Acesso em: 06/06/2002.

_____. “A casa do sonho”. In: *Maderazinho*. Revista Literária Moçambicana. Edição 04, Maputo, dezembro de 2002. Disponível em: www.maderazinho.tropical.com.mz. Acesso em: 16 nov. 2004.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente: 1300-1800 – uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MARTINS, Celina. “Luís Carlos Patraquim e Eduardo White: poetas de pele de céu”. In: *Revista Metamorfoses*, nº 6. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.

PIMENTA, Rita. “Gato preto, gato amarelo”. Artigo disponível em: <http://www.bedeteca.com/index.php?pagelD=recortes&recortesID=384>. Acesso em: 21/07/2003.

VALE, Sérgio. “Mia Couto: a escrita falada”. In: *Discutindo Literatura*. Ano 3, nº16. São Paulo: escala educacional, fev. 2008.

Cíntia Machado de Campos Almeida
Mestre em Letras Vernáculas (Literaturas africanas de língua portuguesa)/ UFRJ, 2006
Doutoranda em Letras Vernáculas (Literaturas africanas de língua portuguesa)/UFRJ
Bolsista/CNPq

*O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil) e faz parte de uma pesquisa sobre a Moderna Literatura Moçambicana.